



# Os cabôcos mamadores

O carnaval nasceu na Europa, sabemos, como uma festa pagã e, depois de domado pela Igreja Católica — eram os excessos permitidos antes da contrição da quaresma —, chegou ao Brasil na forma dos brutais entrudos. Aclimatados, séculos depois, os portugueses transformaram a festa no Zé Pereira, precursor do bloco de sujos, e, a partir daí, degingolou.

O carnaval brasileiro dava medo nos gringos. “Hoje é o primeiro dia de carnaval, mas Wickham, Sullivan e eu não nos intimidamos e estávamos determinados a encarar seus perigos. Esses perigos consistem principalmente em sermos, impiedosamente, fuzilados com bolas de cera cheias de água e molhados com esguichos de lata. Achamos muito difícil manter a nossa dignidade, enquanto caminhávamos pelas ruas.”

Charles Darwin passava pela Bahia em 1832 quando fez esse registro em seu diário. O naturalista britânico observava os entrudos, manifestação em que os escravos saíam jogando água, farinha, lama, urina, o que tivessem à mão, uns nos outros — era a tradução latina quase literal de carne levar (afastar-se da carne). Uma nojeira que, embora proibida, sobreviveu até recentemente.

Alguns historiadores preferem esquecer essa história e dar início oficial ao carnaval com a chegada da família imperial ao Rio de Janeiro, mas é só uma tentativa de sanear a festa. Foi no século passado que o carnaval se impôs, principalmente depois que Chiquinha Gonzaga compôs a marcha-rancho *O Abre Alas*, libertando os foliões



das polcas e canções francesas.

E o carnaval virou brasileiro na década de 1920, com 50 anos de auge, até chegar nas festas que estamos vendo hoje, coalhadas de duplas sertanejas, cantores de funk carioca e outras esquisitices. Não é saudosismo. Mas é muito estranho que nem os sambas enredo das escolas cariocas sejam ouvidos nas festas, que se confundem com outras realizadas durante o ano todo, no mesmo formato.

Nos últimos anos, viu-se a redenção dos blocos populares, mas logo uma indústria se formou, com o sur-

gimento de cabôcos mamadores, como diria Henfil, das tetas oficiais, buscando dinheiro público para financiar suas festas particulares. Hoje, os blocos só saem se tiverem financiamento dos governos; mas há quem resista.

Na banca do Cordeiro, no Lago Norte, a turma se reuniu para fazer uma farrá. Ninguém ali tem idade para sair sem andador e alguns até sem cuidador, mas também não abdica da festa. E foi feito o carnaval, com camiseta e tudo, cada um financiando o que come e o que bebe, cantando velhas marchinhas,

comemorando a vida.

Enquanto isso, o mais tradicional bloco de rua de Brasília, o Pacotão, promete sair na terça-feira (13/2), cumprindo o trajeto de sempre, da 302 Norte até a 504 Sul, sempre pela contramão. Me dizem que agora a levada é com música eletrônica. Eu prefiro não saber se é verdade, em respeito aos pais fundadores que não estão mais entre nós, até porque a marchinha que ganhou o concurso este ano, *ET Ladrão de Joias*, mostra que o bloco virou partido político. Nunca o Pacotão esteve tão na contramão.